



escrita 53

guatá - cultura em movimento - junho de 2019

palavras

Adriana Biberg

Alana Carla Borges

Alexandre Palmar

Andréa Palmar

Bárbara Parísios

Bia Cyrino

Cynthia Lopes

Fábio Campana

Giane Lessa

Iara Lessa

Jaqueline Marquezim

Juliana Lyra

Luizinho Quadros

Maísa Melara

Manatit

Marco Aurélio Morel

Mishta

Sidney Giovenazzi

Silvio Campana

Wemerson Augusto

olhos

Ângela Moreira

Áurea Cunha

Camila Vital

Dieguito

Hada Cuellar

Lalan Bessoni

Luciana Lourenço

Marcos Labanca

Natália Gavotti

Ronildo Pimentel

Sandra Narita

AMBIENTES CLIMATIZADOS

SUOTEL

Pastelaria

Segunda a Sexta, das 7 às 18h30
Aos Sábados, até 14h30

Café
Chocolate Quente
Sucos naturais
de frutas e polpas

Doces & Salgados
Lanches
Refeições Rápidas

Pastéis Especiais
preparados na hora

Em Foz do Iguaçu:

L1 - Rua Quintino Bocaiúva, 653 - Fone: (45) 3572.5272

L2 - Rua Xavier da Silva, 649 - Fone: (45) 3523.9101

**Aceitamos
cartões de crédito**

SUOTEL TAMBÉM EM SANTA CATARINA:

Joinville - Fone: (47) 3433.4650 / Blumenau - Fone: (47) 3336.0975

O SEU BANHO DIÁRIO DE INFORMAÇÃO!

WWW.H2FOZ.COM.BR



MOTIVO

Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.

Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,
— não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
— mais nada.

Cecília Meireles

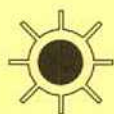


'Tocando a vida', fotografia de Marcos Labanca



CECÍLIA MEIRELES, jornalista, pintora, poeta e professora brasileira. (1901-1964)
O poema 'Motivo' foi publicado pela primeira vez no livro 'Viagem', em 1939.

MARCOS LABANCA é fotógrafo em Foz do Iguaçu, Pr.



Acima, Ilka Vera posa com seus alunos da primeira série de 1958, no então Grupo Escolar Bartolomeu Mitre.

Ao lado, a professora posa durante a preparação de aulas, em 1961, também no 'Bartolomeu Mitre'.

(Fotos: arquivo de família)



memória

Ilka Vera, 100 anos!

Agripina Vera, a iguaçuense 'Ilka', nasceu em 23 de junho de 1919, filha de um argentino e uma paraguaia e estaria completando um século de existência este ano.

Boa parte dos 93 anos que viveu, Ilka dedicou à educação. Em especial, à pública, trabalhando em dois dos principais colégios estaduais de Foz do Iguaçu: Bartolomeu Mitre e Monsenhor Guilherme. Entre o tempo como professora suplementar e depois efetivada, foram mais de 40 anos até se aposentar em 1985.

Ilka Vera, filha de operário e de costureira, trabalhou

desde sempre. Iniciou sua caminhada de educadora, sete décadas atrás. Mas, antes, foi auxiliar de guarda-livros na empresa que construiria o Hotel das Cataratas, no Parque do Iguaçu.

Como professora iniciante e apenas a sexta série de escolaridade, desenvolveu um método próprio de alfabetização, garantindo as primeiras letras para crianças iguaçuenses de sua época. Se isso não bastasse, foi a primeira professora em Foz do Iguaçu a alfabetizar adultos, lá pelos idos de 50.

Gradativamente, ampliou seus estudos, fazendo o curso Normal do Magistério, enquanto continuava a ensinar. Já cinquentenária, se formou em licenciatura plena de História e passou a dar aulas da disciplina no ginásio do Colégio Monsenhor Guilherme. Lá também trabalhou na secretaria, dividindo seu tempo com o magistério.

NA CINQUENTA E TRÊS

Marcos Labanca (03) - Sidney Giovenazzi (06) - Ronildo Pimentel (07) - Camila Vital (08)
Giane Lessa (09) - Wemerson Augusto (10) - Marco Aurélio Morel (12) - Lalan Bessoni (13)
Sandra Narita (15) - Áurea Cunha (15) - Hada Cuellar (16) - Fábio Campana (18)
Adriana Biberg (20) - Luciana Lourenço (21) - Alexandre Palmar (22) - Natália Gavotti (24)
Maísa Melara (25) - Áurea Cunha (26) - Lara Bessa (26) - Luizinho Quadros (26)
Cynthia Lopes (27) - Alana Haupt (27) - Bia Cyrino (27) - Jaqueline Marquezim (28)
Juliana Lyra (28) - Ângela Moreira (28) - Andréa Palmar (29) - Dieguito (29)
Bárbara Gimenez Parisios (30)



Na capa da 53, o alvorecer
em Santo Alberto, no Paraguai.
Fotografia de Áurea Cunha.

Vamos lá!

Pois bem, aqui estamos embarcados na 53, a mais nova edição da revista Escrita. Depois de um período sem publicação, eis que voltamos acompanhados de velhos e novos amigos nesta navegação. Olhos e palavras à disposição do deleite do caro leitor.

Neste número, procuramos aproximar imagens e textos aparentemente distantes. Claro, respeitando a subjetividade de cada leitor, propomos algumas pontes entre ilustrações e fotografias com poemas e textos em prosa.

Para tanto, contamos com a produção de mais de trinta convidados nesta Escrita. Jornalistas, professores, estudantes, profissionais da área de saúde e assistência social, ilustradores, fotógrafos nos dão matéria prima para voar.

Entre as imagens, destaque para o ensaio sobre a dança flamenca da fotógrafa paraguaia Hada Cuellar. Somando à sua arte visual, mais gente boa. A assistente social e batuqueira Luciana Lourenço, por exemplo, mostra a Índia que sentiu em viagem recente. Já a jornalista Sandra Narita revela alma com as nuances em preto e branco de um cotidiano cubano.

Nas palavras, muita poesia. A começar pela bela descrição latino-americana que Giane Lessa faz em 'Guatá América'. Do jornalista Fábio Campana emprestamos 'Coisas Simples'. E entre tantas belíssimas colaborações, a poesia na prosa de Alexandre Palmar e de Wemerson Augusto.

Aposto que vão gostar.
Boa leitura!

 Silvio Campana

escrita



Escrita

é uma publicação
da **Associação Guatá**
- Cultura em Movimento -,
entidade de finalidade cultural,
sedada em Foz do Iguaçu,
Paraná, Brasil.

Os artigos assinados não refletem
necessariamente a opinião
da entidade ou dos editores.

Conselho Editorial:

Carlos Luz, Kariny Wermouth,
Paulo Bogler, Richard de Souza
e Silvio Campana

Editor:

Silvio Campana
Mtb 20572 - 3023/11131

Revisão: Carmen dos Santos
Projeto Gráfico: Silvio Campana

Fotolitos e impressão:
Gráfica Ideal

Tiragem: 2 mil exemplares
Circulação dirigida



Visite:

www.guata.com.br
facebook: guata foz

Contato: guata@guata.com.br

epidemiadepoesia

com Sidney Giovenazzi

Vende-se um poema

Eu não sei de nada
nesta manada
como todo mundo
achando que sabe tudo

Eu detesto aquilo
conhecimento por quilo
como todo chato
de argumento barato

Eu prefiro as cheias
de conteúdo nas veias
como quem procura
a autoria da cultura

Eu rôo as unhas da prostituta
roubo a aventura do ladrão
salvo a vida do médico
mas não mexo com poeta não

jamaiz a poesia

Poeta é sagrado
custa o tempo da criação
faz Deus desconfiado
mas sorrir de compaixão

Se for mexer aviso
só mexo com poeta sim
que não tem juízo
em emoções alheias
que não sabe nada
que não seja íntimo
que detesta aquilo
se não for delírio

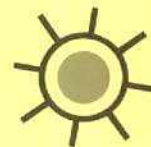
e que prefere as cheias
do mar de idílios

Alguém que encanta a fada
e torna a ciência vazia

Que vende um poema

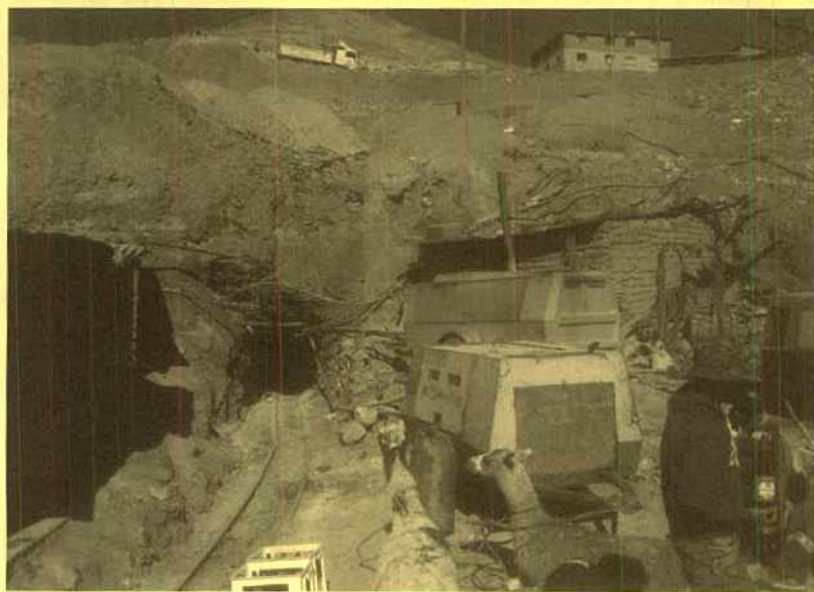
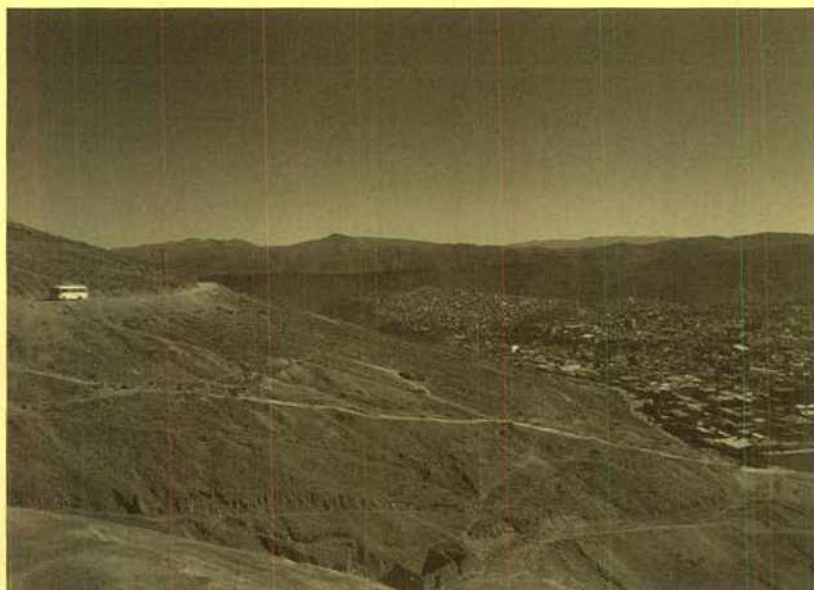


SIDNEY GIOVENAZZI é músico,
poeta e jornalista em São Paulo - SP



| residência

Fotografia de RONILDO PIMENTEL,
jornalista em Foz do Iguaçu, Pr.



cerro rico

Fotografias de CAMILA VITAL, estudante de Cinema, na Unila, em Foz do Iguaçu, Pr. As fotos registram mina no 'Cerro Rico', em Potosí, na Bolívia. A exploração de metais naquela área estende-se de forma ininterrupta desde o período colonial.

GUATÁ AMÉRICA

Giane Lessa

Guatá, juguetes
Ñe'êndy
Iña son wéra
Runa simi
De la palabra su sagrado
Caminar
Sobre las lentes
Sobre los ojos
El ojo que nos mira
Los ojos que miramos
Traspasan el canto
Al que nuestros oídos no alcanzan
Quisimos bailar y no pudimos
El viento, los diferentes cielos
Sin currículos
Las materias deshechas sobre la tierra
Los pasos mudos
El hacha, la fuerza, la vejez
No duran el segundo al que el hambre se hincha
Nuestras hambres de afecto
La tuya, la mía la de los otros
Kilómetros de películas rodados
Ya no sabemos quiénes somos
Tampoco lo que fuimos
Los pies que nos cambiaron para siempre
Nos reflejan en el espejo
Su más cálida sustancia
Muestran lo que no tenemos
Apenas la mancha quedó en el corazón
Lloramos hacia dentro
No podemos ver el anteayer
Ni nunca
Las horas no coincidentes
Espacialidades de los antiguos
Muro invisible que nos separa
Coraje y cobardía
Aquella sangre

Nos domina
En silencio
Tus músculos tensos
El alma aquella expectante
Pensándonos
Calificándonos
El misterio de las aguas
Querer ser monte y no saber
Árbol
Lluvia, barro, madera y no saberlo
Tú estabas
Fuiste testigo
Corazones
Flores ocasionales
Un poco de todo y tudo
Y sí lo afirmamos
Que sí y sí
El largo hilo que nos acompaña
Nos impide?
No nos permite desviarnos
¿Nuestra ceguera?
Perplejos ante el "espectáculo"
Pero fuimos sensibles y tiernos
Anduvimos juntos
Nos perdimos
Reímos
Lloramos callados sin prisa
En algún momento nos encontramos en nuestros silencios
Mediados por aquellos sentires que sin quererlo revelamos
El mate, el tereré
Olor de estrellas en tu piel, mi piel
La piel de todos
Las hablas de todos que nos escucharon
La piel se despega de los huesos y agradecemos
Abismos sin mares
¿Y qué?!

Pues nada



GIANE LESSA é poeta, tradutora, doutora em Memória Social, professora universitária. Atua em Foz do Iguaçu, Pr.

A vida é uma contação de histórias. Aprendi a tentar escrever com mainha, um cearense arretada, que me fazia reescrever a mesma carta diversas vezes.

Dona Luci dizia que seu aprendesse a escrever para quem não sabia ler eu escreveria para o mundo. Escrever seria uma brincadeira de encontrar pessoas, boas ideias e espíritos pelo caminho.

“Salve” é um conto da vida. A crônica foi inspirada na visita de Pepe, às Cataratas do Iguaçu, em março do ano de 2016. Jose Mujica olhava, observava e calmamente, fazia suas observações.

De longe, eu acompanhava o uruguaio. De boné, camiseta de botão, o senhor passeava o olhar, como alguém que olhava perto e distante, com a sensação de que a vida vale a pena. De que a vida vivida transforma e inspira as pessoas.

Não é que ela estava certa. Anos depois recebo a mensagem que Pepe Mujica, o uruguaio do mundo, leu um conto que eu escrevi. Para minha alegria, no intervalo entre um mate e uma tragada, ele falou sobre a vida, o universo, a natureza, inspirado no que leu.

Wemerson Augusto

NOTA DA EDIÇÃO: O conto é apresentado aqui duas vezes. Alterna em cada uma delas parágrafos diferentes, em espanhol e português. Possibilita leituras com sonoridade e ritmos.

Salve a vida!

No sabemos quién es que viene de allá. Ni sabemos quién viene de aquí. Muchas veces vemos a personas peleándose. Todas tienen razón o todas no la tienen. A veces son solo hinchas, que se olvidan de los principios de humanidad.

Sabemos muito pouco ou quase nada da luta e da história das pessoas. Erramos por etiquetar a pessoa ou situação por uma cor, esquecemos de perguntar se é justo, humano, digno.

Erramos por não gostar de amarelo. Erramos por não gostar de verde. Erramos por não gostar de vermelho. Erramos por não gostar de azul. Erramos por ignorar o arco-íris que é a humanidade.

No sé quién viene de allá. Lo saludo con un viva. No sé quién viene de aquí. Lo saludo con un viva. Descubro algo sobre la persona o acción que va mucho más allá de la fusión de los colores. Hay mucha más humanidad en la humanidad que pregunta si es justo, humano o digno.

Viva, humanidade.



¡Viva la vida!

Não sabemos quem é quem vem de lá. Nem sabemos quem vem' daqui. Muitas vezes vemos pessoas brigando entre si. Todas têm razão ou todas não têm razão. Às vezes são apenas torcedores, que esquecem os princípios de humanidade.

Sabemos muy poco o casi nada de la lucha y de la historia de las personas. Nos equivocamos al etiquetar a una persona o situación por un color. Nos olvidamos de preguntar si es justo, humano o digno.

Nos equivocamos porque no nos gusta el amarillo. Nos equivocamos porque no nos gusta el verde. Nos equivocamos porque no nos gusta el rojo. Nos equivocamos porque no nos gusta el azul. Nos equivocamos por ignorar el arco iris que es la humanidad.

Não sei quem vem de lá. Saúdo com um salve. Não sei quem vem daqui. Saúdo com um salve. Descubro algo sobre a pessoa ou ação que vai muito além da mistura das cores. Há muito mais humanidade na humanidade que pergunta se é justo, humano, digno.

Salve, humanidade.



**Agradeço seu esforço,
seu compromisso,
sua poesia, querido
amigo.**

**Gracias porque tu
compones la pila
de los luchadores
de esa poesía
de la naturaleza.**

**Te doy un abrazo
a la distancia.**

Salve, Wemerson,

disse Pepe Mujica

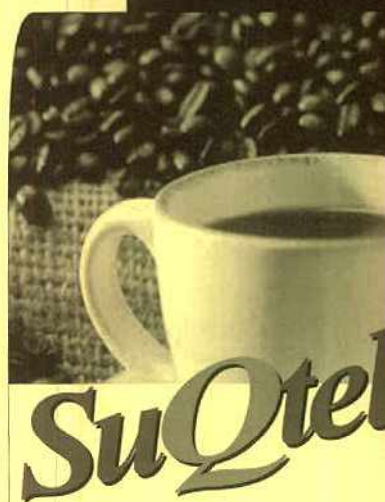


WEMERSON AUGUSTO é
jornalista em Foz do Iguaçu, Pr.

PEPE MUJICA é uruguaio,
ex-presidente de seu país.

Fotos: EFE

A íntegra do depoimento
de Pepe Mujica pode ser visto
em vídeo postado no blog
do autor do conto:
<https://wemerson.blog/2019/03/12/salve-a-vida/>



**café
chocolate quente
sucos naturais
e de polpas**

**doces & salgados
pastéis especiais
lanches
refeições rápidas**

De Segunda a Sexta:
Das 7h15 até 18h30
Aos sábados, até as 14h30

**Aceitamos
cartões de crédito**

EM FOZ DO IGUAÇU:
Rua Quintino Bocaiúva, 653
Telefone: (45) 3572.5272

Rua Xavier da Silva, 649
Telefone: (45) 3523.9101

JOINVILLE - SC
Rua XV de Novembro, 640
Telefone: (47) 3433.4650

BLUMENAU - SC
Rua XV de Novembro, 1422
Telefone: (47) 3336.0975

A melhor professora que conheci (uma história real)

Hoje tive o privilégio de conhecer a melhor professora que já conheci até agora. Isso inclui os meus mestres e, também, meus colegas. O método de alfabetização dela é impressionante!

A professora mostrou-me uma assinatura feita com um letra tortuosa, sofrida, como se fosse de alguém que ainda busca a firmeza nos traços. Foi então que ela começou...

- Sabia que eu ensinei minha avó a ler? Pois é, fui eu!

- Você? Como?

Ela, então, iniciou seu lindo relato:

- Logo que aprendi a ler, vi que minha avó tinha dificuldades com várias atividades por não saber ler. Foi então que eu comecei a mostrar para ela como ela poderia assinar o próprio nome. A minha avó é muito determinada!

- Com certeza!

- Daí, eu peguei e fiz ela ler um gibi! Eu lia para ela e ela repetia!! A gente repetiu tanto que ela riu dizendo que tinha aprendido a ler! A minha avó é muito determinada!

- Continua...

- Daí, eu peguei o gibi e ia vendo as palavras que ela usava no dia a dia dela, e essas ela gostou! Daí, ela leu o gibi inteiro! A minha avó é muito determinada! Daí eu dei aquele livro, acho que é "Flor na janela" - eu sempre esqueço o nome - e a gente leu ele inteirinho não sei quantas vezes! A mulher da biblioteca perguntou porque eu pegava tanto, mas eu não quis falar... Fiquei com medo de ela não deixar eu pegar de novo... é que não era pra aluno, sabe?!

- Sei...

- Então, daí ela lia o livro até eu dormir!! Eu repeti muitas vezes isso, daí ela me mostrou que lia e resolvia minhas provas de português! Ela tem dificuldade, diz que dá dor de cabeça, mas ela continua! A minha avó é muito determinada!

- Contin...

- Então, daí eu comecei a fazer ela escrever palavras e falei que não tinha problema que a letra dela era feia, mas tinha que dá pra entender! Ela fez um monte! Ela encheu um caderno! A minha avó é muito determinada! Daí ela me contou que já sabia ler os ônibus, no mercado, na capa do livro de uma menina... Depois ela me contou que ela já sabia ler, mas como eu dormia, ela gostava de ler pra mim dormir! Ela disse que via muito isso na tv! Ela disse que ela sempre sonhou em poder ler para alguém dormir e, já que não conseguiu com os filhos, que fosse comigo mesmo!

- É...

- Eu amo muito minha avó!! Às vezes ela não deixa eu fazer as coisas e eu fico brava, mas eu sei que ela gosta de mim!! E eu também amo muito ela!! Ela é mais que minha mãe pra mim! Ela e meu vô! Por isso que eu gosto de ensinar!! Agora eu quero ver se ensino ele a ler, porque ele precisa pra ganhar melhor! Ele merece!

...

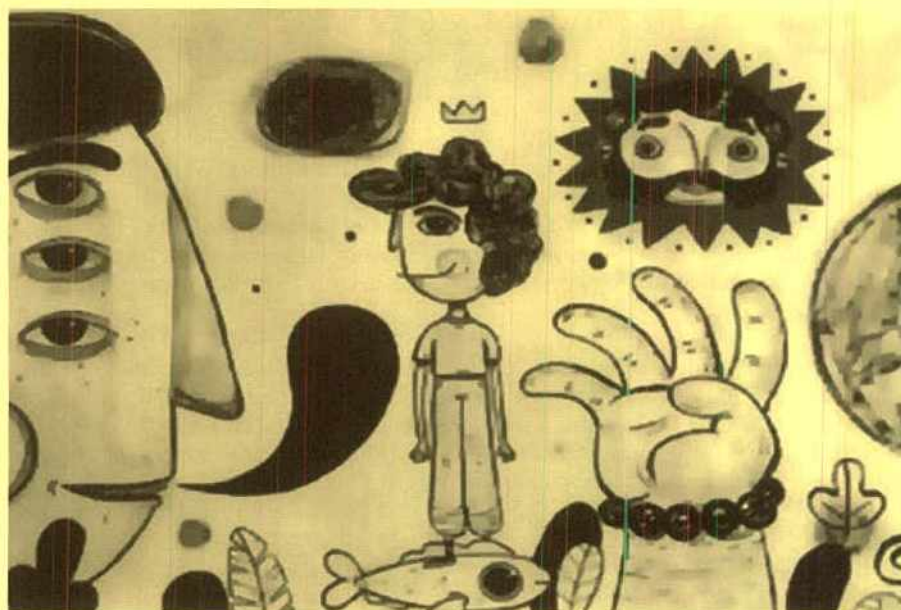
A professora é uma aluna do 7º ano, e foi considerada "limitada" por "entendidos" como eu! A professora me deu uma baita aula e disse que agora vai aprender a interpretar melhor para ensinar a "vó e o vô"! Alguém duvida?

Ela é limitada? Limitado sou eu...

P.S.: Essa é uma história real, de 2013... gostaria de saber como está a minha professora hoje... Mesmo depois de tanto tempo, ela continua sendo a melhor.



MARCO AURÉLIO MOREL é professor da rede pública estadual de educação em Foz do Iguaçu, Pr.



primeiras linhas

Desenho de LALAN BESSONI,
ilustrador em São Paulo, SP.

*Mbaeinchapa, che ha´e Mafalda
ha ko´aga añe´ema guaraníme. (*)*

Em Guarani

“Mafalda”, a simpática personagem argentina que encantou o mundo, ganhou edição em guarani no Paraguai.



(*) Tradução: ‘Como vocês estão? Sou a Mafalda e agora falo em guarani’.

Guarani. Esta é a primeira língua de origem indígena em que a “turma da Mafalda” se expressa. Isso, 50 anos depois de ser criada por Quino, cartunista argentino. Manoelito, Susanita, Felipe, Libertad, Guille e, claro, a protagonista Mafalda, estão em livretos que fazem parte da coleção projetada em 2018 e que agora teve seus primeiros números lançados oficialmente no Paraguai, durante o Festival Internacional do Livro de Assunção.

A tradução das aventuras de Mafalda para o guarani se deve a um convênio entre Ediciones de La Flor, representando Quino, a editora paraguaia Servilibro e o Ministério de Relações Exteriores da Argentina através do “Programa Sur”, que estimula versões da obra de autores argentinos em outras línguas, além do espanhol.

As tramas impregnadas de ironia e questionamentos morais, sempre apoiadas no universo da infância de Mafalda, foram traduzidas por Maria Gloria Pereira de Jaquet. Segundo ela, que é integrante da Academia de Língua Guarani, o projeto pretendeu se utilizar e valorizar a língua em uma versão mais funcional. Ainda que em determinados momentos possa fazer pequenos “empréstimos” do espanhol, a ideia foi manter a riqueza e a sutileza do guarani e suas possibilidades infinitas para o sentido do humor e da picardia.

À época da elaboração do projeto, a tradutora Jaquet defendeu que a versão em guarani das historietas de Quino tivessem um tom coloquial, de forma a fortalecer a língua de origem indígena principalmente no Paraguai, onde é oficial junto como o espanhol. Segundo ela, uma adaptação de leitura facilitada, como a que propôs, motivará a realização de outras versões e a própria criação de quadrinhos originariamente no idioma guarani.

Vale destacar que o lançamento de Mafalda em guarani, fortalece o

Ano Internacional das Línguas Indígenas, marcado pela Unesco para resgatar a defesa das línguas dos povos originários em 2019.

A história de Mafalda - Em 1964 saía a primeira tirinha de Mafalda no semanário “Primera Plana”, da Argentina. A personagem foi criada por Joaquín Salvador Lavado, mais conhecido como Quino.

Na verdade, Mafalda surgiu como personagem infantil, em 1962, para uma campanha publicitária no Jornal Clarín, que rompeu o contrato antes da publicação da propaganda. E a pequena contestadora se transformou em cartoon com o apoio de Julian Delgado, editor chefe do “Primera Plana” e amigo de Quino.

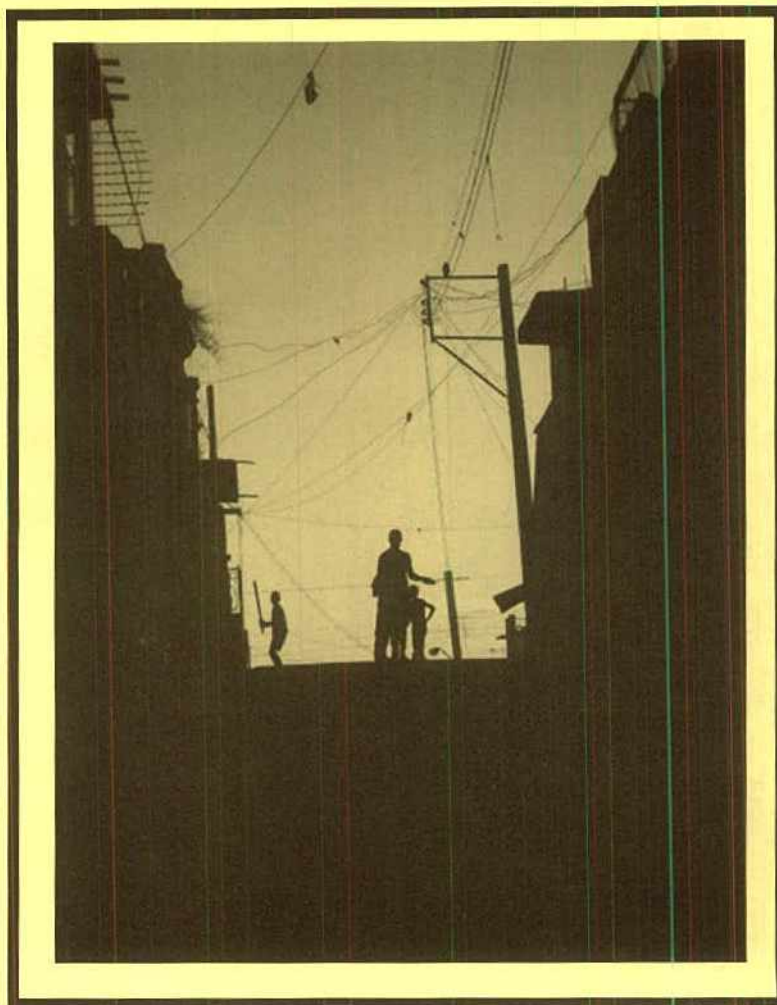
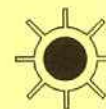
Mafalda, aos seis anos de idade, odeia sopa e adora os Beatles. Se comporta como uma típica menina da sua idade, mas tem uma visão aguda da vida e vive questionando o mundo. A garota é inconformada diante do contexto mundial.

O autor argentino criou tiras com o cotidiano da menina, dos pais e de amigos de Mafalda, sempre repleto de questionamentos da realidade social, cultural, política e econômica.

Em 1973, Quino encerrou a publicação das tiras de Mafalda. Depois disso, ele a retomou algumas vezes, em momentos muito vinculados à imagem da personagem, como a luta pelos Direitos Humanos.

No Brasil as tirinhas de Mafalda foram divulgadas em livros que ainda podem ser encontrados na sua versão em português. Na internet sites e blogs divulgam as histórias, inclusive em vídeos de animação..

Em Buenos Aires, capital da Argentina, Mafalda virou nome de praça e é um ponto turístico da cidade.



rasgando o véu

a fotografia pára
um movimento
para que
possamos olhá-lo

a fotografia pára
um movimento
para que
possamos olharmo-nos

Áurea Cunha

rasgando o véu

Fotografia de SANDRA NARITA,
jornalista em Foz do Iguaçu, Pr.
(Imagem registrada em Santiago de Cuba, em 2016)

ÁUREA CUNHA é fotojornalista em Foz do Iguaçu, Pr.

¡Olé! Eso és



 **hada cuellar**

A paraguaia HADA CUELLAR atua em Ciudad del...
Com a vida voltada às artes, é escritora, cantora...
Neste ensaio, a fotógrafa registrou momentos do...

Flamenco!



este, na fronteira trinacional, e é especializada em fotografia Fineart.
professora de música e roteirista de Cinema.
espetáculo organizado em sua cidade pelo Estúdio de Danças Carmen Salinas.

As coisas simples

FÁBIO CAMPANA

AUSÊNCIAS

Os que se foram me faltam,
os de minha geração,
os que viveram os mesmos dias.
Nos anos prósperos em esperanças
e também nos anos de chumbo
e dividimos as mesmas vivências,
as mesmas frustrações.

Trago a tristeza da ausência
da amizade ingênua
do milagre de cada dia
das conversas sem fim
eskorrendo pelas ruas,
pelos cafés, pelos bares,
nas conversas de livrarias,
nos efêmeros amores eternos.

Tínhamos fome e sede como os bichos,
e olhos iluminados onde ardiam
os sonhos e os desejos.
tínhamos lendas e mitos
aquela canção do ócio e um ardor de
eternidade.

ÉCOGLA

Um dia eu era jovem e tinha a vocação dos rios, desejo
intenso de chegar ao mar.
Passava horas deitado na relva,
as borboletas azuis a passar por mim,
flutuantes, efêmeras, entre as árvores
sob uma luz difusa de Monet.
Um mundo de varandas verdes,
eclosões de primavera,
pulsações da ordem
subordinada ao vento,
à chuva, ao sol,
às leis da natureza.

Então eu era jovem e era desejo,
apenas desejo,
que é a lei do mundo,
verdade do corpo e da vida.
Em segredo sonhava
a cidade e suas promessas
gastar meus dias, minhas horas
a experimentar os vícios,
e conhecer os prazeres
anunciados em letras
desenhadas em luzes
fulgurantes de neon

Então eu era jovem e teria que partir
para não ser o simulacro
do mundo das pequenas coisas,
folhas, sementes, animais,
esterco, ureia, terra revolta,
porcos, galinhas, muar
e a mãe curvada a plantar
nos canteiros da horta
sua couve e seu coentro
e a colher lírios
num jardim imaginário.

Então eu era jovem e me fiz liberto
e me lancei ao mundo
sem tino, sem destino,
afastei-me das pequeninas coisas
sob o olhar contrariado do pai
as lágrimas não derramadas da mãe
livrei-me do pequeno mundo
e suas teias de aranha,
e filigranas de cólera.
Então eu era jovem e alcei
o voo das andorinhas loucas,
no final da tarde,
a procurar abrigo antes das trevas.

MENTIRAS

Não acredite no que eu digo.
Para me entender, toma esta lágrima,
este sangue,
e ouça meu silêncio.
Eu viajo outros reinos
que você desconhece.
Pertencço à geração derrotada
em todas as batalhas.
Cuidado com a impureza
de minha linguagem
e as mentiras que subvertem
a memória dos mortos.

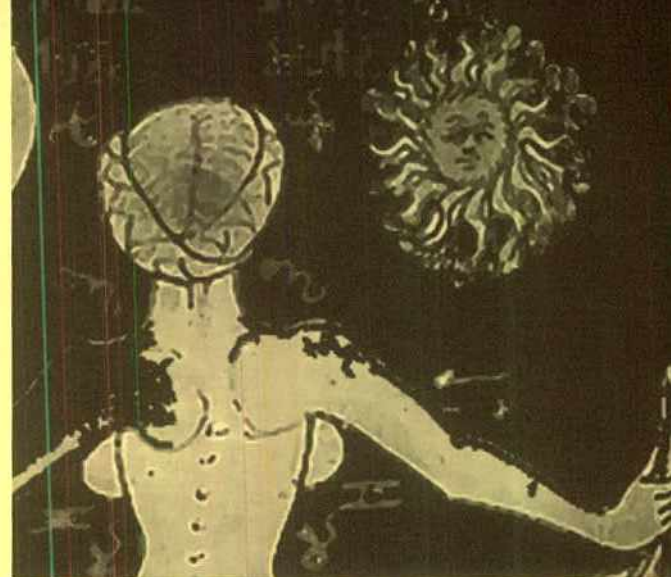
URGÊNCIAS

É urgente reinventar
o amor e sua delicadeza.
É urgente espantar o ódio,
e promessas de violência
tortura, fome, sangue nas ruas.
É urgente o amor
que desmanche a soberba
e revele os nossos pecados.
É urgente.
É urgente o riso, o beijo,
e as manhãs claras.
É urgente o amanhecer
ao lado da mulher amada
Sem temores, sem rancor,
É urgente o amor,
antes que a vida
se dissipe num gesto de dor.
É urgente.

SUBURBANA ETERNIDADE

A mãe espana o pó
da pequena eternidade
que construiu com
as quinquilharias baratas,
metais, ferrugens, plumas,
retratos anônimos,
postais tristes de amor
enviados da Europa
para pessoas e endereços
que só ela reconhece

Na parede da sala escura
um quadro desbotado
pinheiros sob um pálido
por do sol suburbano



EU PRECISO

Provar a solidão sem que o vinagre
do ressentimento
amargue minha boca
Não permitir que o silêncio
se insurja e o desejo
seja congelado pelo medo
Enterrar os mortos e esquecê-los
na miséria dos dias
como os homens esquecem,
como a terra os esquecerá
ao devolvê-los ao pó,
à vida perdurável do pó
enterrá-los sem deixar vestígios
dos seus ossos, seus pelos, carne, escamas
voltar no abdômen de uma adolescente
grávida prenha de vida e tão frágil
como esta taça de cristal
em que bebo meu vinho



FÁBIO CAMPANA é poeta, jornalista, escritor e editor em Curitiba, Pr.
Os poemas aqui reproduzidos fazem parte do livro 'As Coisas Simples' (Travessa dos Editores, 2019)
Imagens: fragmentos de 'Astronomie und geomantic', séc XV.

Talvez uma roda gigante

Você acordou pela manhã, talvez tenha tomado um banho, talvez não
vestiu sua roupa, escovou os dentes, talvez tenha tomado café, talvez não
Saiu para o trabalho, pegou um ônibus, metrô ou o seu carro e chegou onde devia chegar
Talvez você queira estar aí, talvez não
Talvez os seus sonhos estejam guardados em fundos de gavetas, em baús de fotos antigas
Talvez você esteja com ele na palma das mãos nesse momento, mas ainda não percebeu
Talvez você nem sabe que sonhos existem ou então já desistiu de sonhar
Talvez você também pense que essa vida é uma grande roda gigante
E talvez você esteja na parte de baixo, sem uma vista bonita nesse momento
Talvez você faça de tudo para que a roda gire mais rápido,

para que sinta de novo a euforia das alturas

Talvez você não entenda como rodas gigantes funcionam
Talvez você até queira se jogar da parte mais alta e parar de rodar
Mas talvez de infinitas rodas seja feita a existência
Você roda e roda até cansar, se morre ou se vive não importa
Quanto mais ansiedade, menor é a sua roda,
você está a todo momento em cima e em baixo,

em cima e em baixo

Quanto mais medo de rodar, mais velozes e longas parecem as voltas, não existe sossego
Quanto mais raiva, maior é a vontade de quebrar a roda, pode ser que você consiga
E entre em um limbo de queda, sem qualquer apoio
Na roda, extremos não ajudam
E talvez você também esteja cansado de tentar entender como a roda funciona
Talvez você só esteja esperando que ela pare um dia
Quem sabe, se olhar melhor você não seja o único na roda gigante
E talvez ajudar os outros seja uma boa saída para o tédio que a roda às vezes se mostra
Apreciar a vista panorâmica, entreter-se com o sorriso alheio,
Talvez, juntos a gente possa encontrar um sentido.

adriana biberg ■

**epidemia
de poesia**



ADRIANA BIBERG é psicóloga em Foz do Iguaçu, Pr.



caminhada

Fotografia feita na Índia
por **LUCIANA LOURENÇO**,
assistente social em Foz do Iguaçu, Pr.

A magia de correr na chuva

Pouco antes das primeiras passadas bateu a dúvida: será que vai dar merda? Três décadas atrás o clima de hoje seria o ideal para uma boa aventura para um adolescente de 15 anos, morador da Guarda Mirim. Era só combinar numa noite sábado com chuva para ter o programa ideal: bora pegar a magrela e pedalar pela Avenida Paraná.

Mas os tempos são outros. Já não tenho mais a Caloi de alumínio, o Sony amarelo é peça de museu e o lencinho preto de caveira na cabeça à la Axl Rose nem pensar (só se for para camuflar os cabelos brancos). Trinta anos separam as paixões juvenis embaladas por Cure e Smiths deste ser que hoje em dia sonha em, simplesmente correr a Meia Maratona das Cataratas.

Ao afundar os pés na primeira poça d'água, lembrei-me, meio envergonhado, do tutorial do YouTube com dicas para correr na chuva: atenção redobrada para as poças (elas podem esconder um grande buraco); cuidado com as faixas pintadas no asfalto (é fácil escorregar nelas); e tire a camiseta molhada após acabar o treino. Precaução nunca é demais. Afinal, se eu me esborrachar na pista, não sobra nada desta carcaça.

Lembro-me bem de uma madrugada lá pelo fim dos anos 1980, comecinho dos 1990. Parecia que ia acabar o mundo. Trovões e relâmpagos para todo lado. De repente acaba luz dos postes. Eu andava a mil pelo acostamento. Quem disse que vi o começo do canteiro? Só deu o Salsicha comendo grama por uns 20 metros. Mas o que é um tombinho quando tudo na vida é uma descoberta?

O que importa é a bike inteira.

Pisei leve na primeira poça que enfrentei, afinal não tinha para onde correr. Era água para todo lado. Vencido o primeiro desafio, segui num ritmo cadenciado. Aos poucos algo novo começou a surgir. Desta vez sem música (o medo de não ouvir algo tomou conta de mim) e sozinho no trecho, visto que a chuva forte afastou o povo. Essa combinação abriu-me os ouvidos.

O barulho da chuva invadiu os tímpanos, assim como tudo o que ela produz em noites assim. Deu para sacar bem a diferença entre o splash direito e splash esquerdo. Comprovei na prática aquilo que já suspeitava. Minha pisada esquerda é bem mais forte do que a direita – ratificando o exame do ortopedista que indicou leve diferença de tamanho das pernas. Barulhinho bom assim só em dias de chuva.

Da mesma forma pude ouvir minha respiração com maestria. Acredito que pela primeira vez respirei cadenciadamente, apesar de a vontade de abrir a boca a toda hora para beber da chuva. Todos os sons parecem mais fortes, como o barulho do mundaréu de água descendo pela Avenida Venezuela, eclodindo de bueiros entupidos ou mesmo água espirrada pelo ônibus nas canelas. Diga-me, quem liga ao levar um banho de água suja diante dessa magia toda?

A chuva também aguça o cheiro das coisas, para o bem ou para o mal. Falar do cheiro da madeira e das folhagens molhadas, parece-me meio corriqueiro. Idem para o cheiro



Pista de caminhada com efeitos especiais e fantasiosos de chuva torrencial e bolhas de evaporação. (Ilustração: Dieguito)

do asfalto encharcado. Não senti falta da poluição dos automóveis, cujo odores desta vez foram substituídos pelos de tudo o que é coisa ruim: galerias, esgotos e mijódromos fétidos. Pensando bem, o CO2 tem certa utilidade.

As três primeiras pernas (Paraná, Venezuela e JK) já tinham refrescado a memória quando veio a República Argentina. Instável nas últimas semanas, tenho desabado a essa altura. Transformo a corrida numa simples caminhada. Hoje foi diferente. Estava inteiro. Confiante, já não me importava com as poças.

Segui firme e forte – de forma até meio distraída – até sentir-me um pato ao lavar meus joelhos no jato d'água em frente ao

Exército. Quase perdi o equilíbrio e balancei feio. Estava ali na minha frente a tal merda

agarrada. Abri o bico (que não é de pato) e gritei para equilibrar a dignidade e a integridade. Graças à perna esquerda não cai. Se tombasse ali (logo ali, logo nestes tempos), cairia numa galeria e achariam o cadáverrio abaixo.

Não senhor. Aqui não. Aqui é Guarda Mirim. Em frações de segundos me lembrei do injustiçado Judas e decidi que não iria trair minhas raízes. Recompuesto, não amarelei e segui como Senna para completar uma volta magistral. Uma volta que talvez em condições climáticas normais jamais seria feita. Meu tempo? Acredite, melhor em toda a minha história. ☀



ALEXANDRE PALMAR é jornalista e iniciante em corrida. Argentino e brasileiro, mora em Foz do do Iguaçu desde 1979.

**Marco
ZERO**

Onde tudo começa!
Um programa em sintonia
com o seu dia a dia e as
Três Fronteiras.



H2FOZ

Sigilu's

CONTABILIDADE
E ASSESSORIA LTDA.

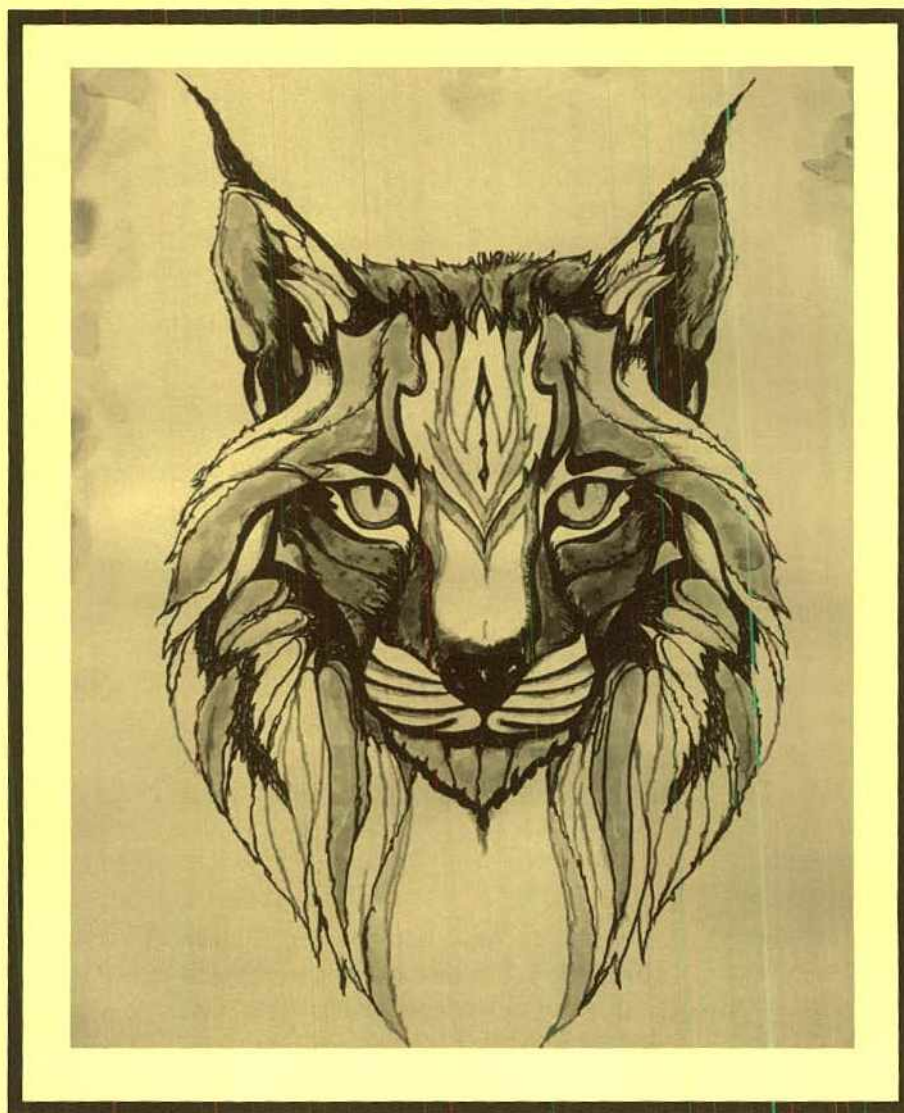


**Consultoria
e assessoria
em serviços
contábeis**

Fone: (45) 35235886

sigiluscontabil.com.br

Rui Barbosa, 361 - Centro
Foz do Iguaçu / PR



lince

Ilustração de NATÁLIA GAVOTTI,
arte designer em Curitiba, Pr.

(O desenho é parte de um tríptico baseado em mitologia nórdica.

Mais informações sobre a obra podem ser obtidas em <https://www.instagram.com/spadebeaute/>

louca dos aietos



**Soma-se!
Se não
Soube**

**Coube-se
Com sim
Corpos**

**Senão
Com sim**

**Só não
Suma**

**Suba
Sobre mim,
Soma-me.**

A dança da Lua

Ciclos
Ora embaixo
Ora em cima
Sentimentos
Ora
Tristes
Ora
Alegres.

Na lua negra
Pós
Lua quarto minguante
Mais uma lunação.

Ciclos
Ora
Rápido
Ora
Lento
Sentimentos
Ora
Mágoas
Ora
Perdão.

Na lua cheia
Pós
Lua quarto crescente
Mais uma iluminação.

Ciclos
Ora
Luz
Ora
Sombra
Sentimentos
Ora
Claros
Ora
Obscuros

Lua negra e seu quarto

Lua cheia e seu quarto

Os sentimentos
No meu quarto
Pois
as horas.

epidemiadepoesia maísa melara

Para/ná Foz

A barragem
Impõe sua força,
Materialização humana
Moldando os pensamentos.
E, te pondo tempo todo à prova
das fórmulas.

As cachoeiras
Impõem suas forças,
Materialização não humana
Moldando os pensamentos.
E, te pondo tempo todo a provar
as formas.

Maior bloqueio da força d'água
Do mundo
Mair conjunto de livres forças
d'água
Do mundo

[Do meu mundo]

Em limitado espaço
In determinado tempo

Corpo



MAÍSA MELARA sente,
pensa e escreve em Cascavel, Pr.

olhos & palavras

Gratitud Mundo

Cuando los vientos cambian,
el cielo te regala colores, latiendo junto a las mares,
los pájaros, los cuentos que se olvidarán.
Todo en constante armonia,
partiendo y renovándose en cada entardecer.
Es danza y sinergia, como rueda el tiempo
y nos hace sentir parte de todo.
Así es la vida, llena como la luna de hoy,
hermosa como una sonrisa sincera.
Mirar a dentro del corazón y sentir la inmensidad
del Universo es la conexión con uno mismo.

■ Alana Hauptt

outono em
londrina...
gastei
todas as rimas...

■ Iara Rossini Lessa



'A passeio', fotografia
de Ângela Moreira

■ 'Alvorecer',
fotografia de Âurea Cunha

Vida na Usina

E então mudaram o leito do rio
puseram muito concreto.
Fizeram um monumento
que tende a ser perpétuo

Energia de turbina
que gira todo dia
a vida na usina

E a ordem é geral
produzir energia
para suprir a capital

E irmanados trabalhamos
nesta grande «arte»
para produzir
milhões de quilowatts

■ Luizinho Quadros

Canção Camomila

Não me diga como cansa
Olhar pro outro com desconfiança
Respire um pouco reflita
As possibilidades são infinitas
Beba um chá de camomila
Suaviza a retina
Veja que a vida brinda
Suave brisa na neblina
Vem a chuva e te avisa
O futuro é na esquina
O espaço é curvo a terra gira

■ Mishta e Manatit

Digno de um tempo

Precisava de um tempo que não mais guardasse azuis
Um profundo tudo que engolissem seco a bobina do tempo
E ousasse gritar com seu pesar o seu amargo sabor
Virando a giros o pêndulo da razão.

Encostado na esquina de uma zona suburbana
Girando o pêndulo para que não perdesse a hora
A hora é agora, não sou mais um
Nem sou único
Sou um único a mais no meio da multidão.

Resgato a tempo o que sobrou ali
A tempo de que o pendulo não varra
a dose de solidão que restou
Será o tempo digno de mais um verso prosador?
Será eu o seu humilde ingênuo contador?

O assombro do não saber e de não sentir
o pulsar de um segundo
Sei que passa em minha frente um caminhante perdido
De olhos inseguros e fronte pesarosa.

Escoa na razão aquelas últimas gotas
das chuvas caudalosas do tempo.
Saber que não sou o único,
Nem sou mais um no meio da multidão.

O grito do pavor e o hediondo crime
do tempo contra a razão
Que de tanto girar sentiu-se vazio.
"era melhor se fosse um tempo linear"...

Engulo seco o sentido das palavras.
É tudo profundo, eco sonoro de solidão.
Repito no verso um tempo digno de poeta.
No mais, nada.

Bia Cyrino



Pra dentro, vertigem

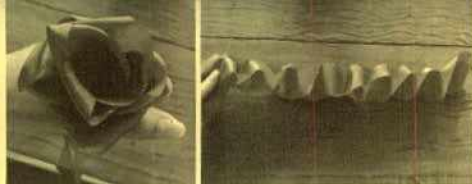
Um súbito desponço
Um improviso insólito
Anda pelas beiradas,
De um precipício ativo,
Cérebro alarmante
De couraças reluzentes
Num diz que diz de incertezas
Cruéis friezas
Que despontam entre os astros
Minha e tua realidade
Tristeza,
Infinito decadente
Descaso do ocidente
Num acaso arranjado, mareado,
Final de tarde preguiçoso,
rançoso,
Igual e meramente
Um improviso insólito, calado
Pra dentro, vertigem
Pra fora, viagem.

olhos &
palavras

ÂNGELA MOREIRA é professora do ensino médio.
ÁUREA CUNHA, jornalista e fotógrafa.
BIA CYRINO é música e professora universitária.
LUIZINHO QUADROS, empresário.
Todas essas pessoas vivem em Foz do Iguaçu, Pr.

MISHTA e MANATIT são brincantes
e atuam em Manaus, Am.

ALANA HAUPT é bióloga brasileira
e vive atualmente em Tyresö, na Suécia.



Para você que lê esses versos...
 ao olhar...
 pode ser, que perceba,
 apenas uma fita.
 Para outro, pode ser fita de cabelo,
 ou laço para a vida!
 Um dia aprendi que a fita pode ter
 uma história, um percurso,
 uma transformação.
 A ideia do poema não é fazer tudo
 rimar com amor e com coração.
 Na real, estes versos foram pensados
 no jeito que se dobra a fita!
 E que um monte de quadradinhos
 pode causar nas pessoas,
 sorrisos e alegrias.
 Depois que formou
 vários quadradinhos, você deve soltá-la
 Vai parecer com uma trança
 ou buracos de uma colmeia
 Mas ainda não acabou,
 a virtude está no espectador
 Que se pergunta:
 como de vários quadradinhos
 pode virar uma flor?
 Sim, a fita se tornou uma rosa,
 algo que ninguém imaginaria!
 Para quem oferecer essa rosa?
 Que por pouco tempo duraria!
 Podem pensar, que é uma brincadeira,
 que coisa séria não seria.
 Podem não gostar da cor da rosa,
 por causa da cor da fita!
 O jeito é desmanchá-la
 e de novo dobrá-la,
 E procurar um novo espectador...
 Que aprecie com alegria
 a sua transformação.
 E a cor da fita,
 que vira uma rosa, que vira uma flor!

Jaquelini Marquezim

Impacto

Soco no estômago!
 E agora? Estou perdida...
 Sigo!
 Não sem antes usar
 nos lábios o trejeito típico
 e deixar cair uma lágrima.
 Dor!
 Rasga a pele por dentro!
 Esmaga a alma entre os órgãos!
 Permanece!
 Violenta!
 Estraga!
 Arrebenta!
 Grita!
 Extrapola...
 Ilumina os olhos,
 apaga o sorriso.
 Mas só sigo.
 Apenas
 Sigo.

Juliana Lyra



olhos & palavras

ANDRÉA PALMAR é empresária em Assunção, PY.
 DIEGUITO está desempregado em Santa Helena, Pr.
 CYNTHIA LOPES é poeta e servidora pública federal no Rio de Janeiro, RJ.
 JAQUELINI MARQUEZIM é pedagoga e contadora de histórias em Londrina, Pr.
 JULIANA LYRA é professora da rede pública de educação em Foz do Iguaçu, Pr.
 RONILDO PIMENTEL é jornalista em Foz do Iguaçu, Pr.

Estrangeira

eu sou da tribo dos peregrinos,
 daqueles nômades do deserto
 que estão sempre prontos
 para se despedir deste mundo.
 viajante por caminhos de fé
 e sonho, vou poeta pela vida.
 divido com todos as minhas
 vivências e emoções,
 mas não caibo em palavra alguma.
 eu passo. deixarei por aí
 um punhado de beleza, em versos
 sussurrados ao vento.
 eis o meu epitáfio: aqui jaz a poeta,
 que esperava que tudo fizesse sentido,
 afinal, para que serviram tantas rimas?
 fui ao ar, perdi o lugar e termino aqui,
 sem saber onde vou parar

Cynthia Lopes

olhos & palavras

**'Surfe la frontera',
ilustração de Dieguito**

1

Escrever poesia
Não é viver
Num mundo de
Fantasia

Escrever poesia
É viver
Escrevendo com
Valentia

É defender
seu ponto de
Vista
Nesses dias

2

Vez ou outra, saio para voar;
nos meus voos encontro:
aves livres
coloridas
de plumas leves.

Os urubus voam à espreita;
E neles também, vejo a beleza.

Vivacidade

Viva
Ando pela cidade
E hoje
Qual será o avivar?

O dia move-se sensivelmente
Fragmentos de vidro
Compoe o lindo
Caleidoscópio cidade

Se durmo enquanto desperta
Os cristais multicores
Que compõe o dia
Já não estarão no mesmo lugar

**três de
Andréa
Palmar**

A
Ti
Tino
Arrimo
Vem mimo
Quiçá rimo
Toca um hino
Sai poema fino
Sol justo a pino
Não sou dita pinel
Hoje escrevo e opino
Versifico sã ou a ópio
Talvez tudo seja utópico
Estímulo mental o retórico
Na idea rabisco estrambólico
Interpreto o dito no simbólico
Numa noite tocou-me o metafórico
Justamente declamou mas categórico

Meu amor por ti não é ato folclórico

3 Poema Teórico?!

'Libélula', fotografia de Ronildo Pimentel



O que te restaria hoje?

Eu acho é uma estratégia muito da faceira esta de nos fazerem enxergar alguma poesia nos sofrimentos cotidianos.

Não tem absolutamente nada de bonito em ofertar todo nosso tempo pro sistema, nem na chamada da TV que aponta para menino periférico que aprendeu inglês dormindo duas horas por dia, ou entrou na faculdade de medicina estudando no banheiro do trampo nas horas possíveis, nem nas mulherões da porra/heroínas dupla, tripla jornada e tampouco em trabalhar doze horas e lembrar de repente que esqueceu do almoço, eita!

Nada disso é bonito, ao contrário, a gente tá é perdendo a cor, estamos pálidos, tristes, cheios de química, compensações, remédios, maquiagem e comida rápida. O que nos tornamos? Este romance piegas só é muito presente porque é ele que lubrifica esta enorme tora de lástima que o sistema nos “oferece” em bandejinhas florais. A gente nunca ia engolir isso se pelo menos não fosse

honroso, se não rolasse pelo menos um mérito – algo como uma foto sem graça de funcionário do mês pregada na parede do próprio inconsciente, a meritocracia é a maior farsa de nosso tempo.

Nosso sacrifício virou produto do capitalismo, como qualquer outra coisa que pode agregar valor para o próprio, vendemos alguns almoços em família, algumas visitas ao tio no hospital, algumas risadas no karaokê com a galera, vendemos o primeiro tombo da filha, a morte do irmão, vendemos também as utopias, as histórias, vendemos nossa autonomia... – a troca de quê? Pela promessa de uma independência longínqua? Que pode ser que chegue quando a estrutura vampiresca já sugou todo nosso líquido vital? Quando a visão já se faz frágil, o paladar amargo, a musculatura frouxa...

Uma “independência” que para tantos, talvez nem chegue, e se chegar direcionará a nível inconsciente e até consciente todos nossos passos? É?...O que te restaria hoje?



BÁRBARA GIMENEZ PARÍSIOS é atriz, arte educadora e contadora de histórias em São Paulo, SP.

OC ÓTICA CONCEITO

Uma preciosa visão para os seus olhos!



*Armações seguras e flexíveis,
com design apropriado
para o seu estilo de vida*



**Lentes das linhas
Varilux, Hoya,
Zeiss, Crizal
e Transitions**

AS MELHORES MARCAS EM UMA LOJA PERTO DE VOCÊ!

FOZ: 45 3572-4054 e 99853-7911

STA TEREZINHA DE ITAIPU: 45 3541-2278



/oticaconceito



oticaconceito2016@hotmail.com

**Tudo parcelado em 12 vezes,
em cheque ou cartão, sem juros.
E nas compras à vista, super desconto!**


ideal
IND. GRÁFICA

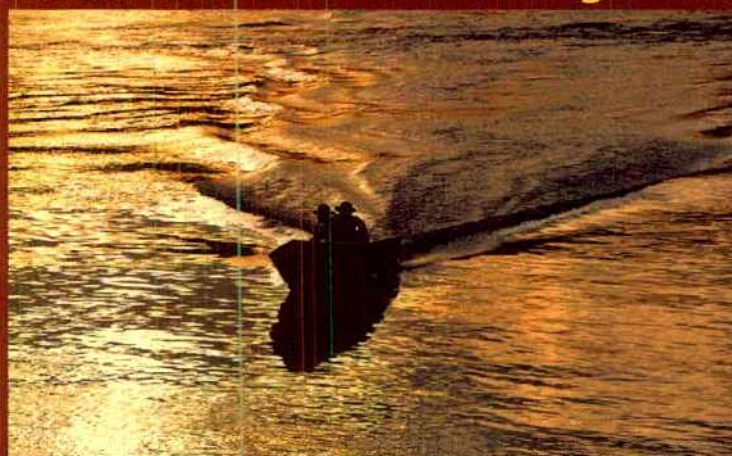
Av. dos Imigrantes, 81 / Vila Yolanda

45 3523 7176 / 3028.7176

graficaidealfoz@gmail.com

www.graficaidealfoz.com.br

Áurea Cunha
fotografias



Retratos - Reportagens - Publicidade
Filmagens - Tratamento e edição de imagens digitais

Fone: (45) 99977.4490
aureamcunha@yahoo.com.br

TRABALHAR EM UMA EMPRESA
QUE SE PREOCUPA COM A SUA
QUALIDADE DE VIDA FAZ TODA A

✓ DIFERENÇA. ✓

O Itamed, plano de saúde do Hospital Ministro Costa Cavalcanti, já nasceu pensando em quem trabalha aqui. E, desde então, faz parte da vida das melhores empresas de Foz do Iguaçu e região. Planos diferenciados e atendimento de profissionais competentes, numa estrutura completa, referência em saúde e prevenção. Tudo para você trabalhar bem mais tranquilo. Isso faz toda a diferença.

itamed.com.br
FOZ DO IGUAÇU (45) 3576 8005



ITAMED

Plano de Saúde do
Hospital Ministro Costa Cavalcanti

CARÊNCIA

O

* FAÇA JÁ O SEU
PLANO ITAMED COM
CARÊNCIA ZERO EM
CONSULTAS E EXAMES
LABORATORIAIS.